

PERIGO À VISTA: TORNADO

Sarah Elizabeth Farrow
NA REVISTA VIRTUE

Quando abandonei minha carreira na agência de propaganda como redatora para ser mãe em tempo integral, senti que deveria justificar minha decisão tornando-me a melhor mãe possível. Comecei a viver pelo moto de minha caneca de café favorita: "Deus criou as mães, pois não pode estar em todos os lugares". Nunca questioneei essa mensagem até que uma tempestade violenta nos atingiu.

Naquela tarde, o ar estava particularmente abafado, e meus quatro meninos, prostrados em frente à televisão, assistiam a um vídeo que eu alugara para aliviar o tédio de seu verão.

– Tenho algumas coisas para fazer na rua – disse eu. – Venham comigo, e depois tomamos um sorvete.

Minha sugestão trouxe apenas gemidos de protesto:

– Está muito quente, mãe. Queremos ficar em casa e acabar de ver o filme.

Pensei sobre o assunto por um momento e decidi que o mais velho, de 12 anos, poderia supervisionar os irmãos nesse tempo em que eu estaria fora de casa, pois, afinal de contas, tinha apenas de ir ao banco, à lavanderia e ao mercadinho.

– O Chris fica no comando. Comportem-se, e eu comprarei sorvete para vocês – disse enquanto me dirigia ao carro.

Absortos no filme, eles nem prestaram muita atenção à despedida.

Bem que esta tarde eu gostaria de estar prostrada como eles, pensei, enquanto examinava o céu carregado, bem cinzento. Talvez caia uma chuva refrescante à noite.

Embora eu quase nunca deixasse os meninos sozinhos, nem por alguns instantes, procurei me convencer de que eles ficariam bem e atribui a sensação estranha de inquietação que sentia ao tempo quente e úmido.

Grossos pingos de chuva começaram a cair enquanto eu estava no banco e o céu continuava a escurecer. Decidi não ir à lavanderia e racionalizar as compras no mercadinho, pois queria chegar em casa antes que a tempestade nos atingisse. Corria para cima e para baixo nos corredores do mercadinho e estava quase terminando minhas compras quando a tempestade chegou. Trovões reboaram e rajadas de vento faziam a chuva bater violentamente nas portas de vidro e janelas do mercadinho. Enquanto esperava na fila do caixa, comecei a ficar preocupada.

De início, minha preocupação girava mais em torno da casa do que das crianças. Será que deixariam o cachorro entrar? E será que fechariam as janelas? Será que ainda estavam assistindo ao filme e não repararam na tempestade? Meu marido e eu costumávamos brincar que, se uma bomba caísse enquanto estivessem em frente à televisão, nossos filhos nem a notariam. Hoje, no entanto, isso não era motivo de piada.

Depois de pagar pelas compras, tentei correr até onde estacionara meu carro. A chuva, com ventania, me ensopou em segundos, e os granizos

enormes me levaram de volta ao mercadinho. Enquanto a tempestade ficava cada vez pior, eu, para aliviar a tensão, andava e conversava com as outras pessoas que também estavam presas ali.

Sirenes, que um dia avisaram sobre ataques aéreos, começaram a gemer, sinalizando que aquela não era uma tempestade de verão comum, mas que havia risco de sermos atingidos por um tornado. Então, comecei a realmente me preocupar com os meninos. Eles não sabiam onde eu estava, e minha tentativa de telefonar para casa foi impedida pela queda das linhas telefônicas. E sempre fico brava com eles, quando saem sem me dizer para onde vão, pensei. Será que estavam com medo? Preocupados comigo? Será que tiveram a brilhante ideia de parar o filme para assistir aos noticiários da televisão sobre o aviso de perigo de tornados? Que mãe que eu sou, culpava-me.

Em meio ao meu pânico, que só aumentava, um versículo veio à minha mente: "Aquietai-vos e sabeis que sou Deus". Não tinha muita certeza em que salmo esse versículo se encontrava, até que pude verificar mais tarde (Sl 46.10). No entanto, esse versículo me acalmou. De alguma forma, bem no meu íntimo, me tranquilizei a respeito dos meninos e da casa.

Quando as sirenes pararam de tocar, fui para o carro. A chuva continuava a cair torrencialmente. A visibilidade era ruim, as ruas estavam escorregadias, e os carros encalhavam em grandes poças e montes de granizo, mas toda vez que eu começava a querer entrar em pânico, aquele versículo voltava à minha mente: "Aquietai-vos e sabeis que sou Deus". A rua principal, que normalmente seguiria para casa, parecia um rio. Portanto, procurei os caminhos que estavam em locais mais elevados para retornar para casa. Quase bati em outro carro, pois o motorista não me viu, embora meu carro estivesse com os faróis acesos. Por fim, parei em frente de casa, deixei as compras no carro e corri para dentro, ansiosa.

A casa estava escura e silenciosa. Temi que os meninos tivessem entrado em pânico e saído, mas para onde eles poderiam ir? A seguir, ouvi o rádio no porão. Todos os quatro estavam na lavanderia, e o cachorro e os gatos estavam com eles. — Nossa, mãe! — disse Chris. — Que tempestade!

— É mesmo! — os gêmeos concordaram.

— Estávamos assistindo ao filme, quando começou a ficar escuro.

O caçula abraçou-se a mim, bem apertadinho, enquanto Chris continuava a contar a experiência deles:

— O céu ficou tão escuro, foi de arrepiar! Aí achamos que era melhor deixar o Sombra entrar e começamos a fechar as janelas.

Quando ligamos a televisão e vimos que havia um sinal de perigo de tornado, viemos para cá.

Uma verificação rápida revelou que eles não só se lembraram do local mais seguro da casa, mas também não se esqueceram de fechar todas as janelas, apagar as luzes e até tirar o computador da tomada. Aquietai-vos, e sabeis que...

Mais tarde — enquanto enxugava a água que entrara pela janela da cozinha antes que fosse fechada pelas crianças, examinei meu jardim destruído pelo granizo e usei o telefone do vizinho para informar que o meu estava quebrado — senti-me estranhamente aliviada, e não deprimida.

Desde que meus filhos nasceram, eu sempre enchera a cabeça deles com instruções

e avisos: "Fiquem longe de árvores altas e da água durante as tempestades"; ou: "Olhe dos dois lados antes de atravessar"; ou ainda: "Nunca saíam de casa sem dizer onde estão indo". Na verdade, jamais confiara neles para que seguissem caminho por conta própria. No entanto, quando o perigo os ameaçou, e eu estava longe, eles não entraram em pânico e lembraram de tudo o que deveriam fazer.

Quando os meninos ficaram adultos, a lição que eu aprendera naquela tempestade jamais foi esquecida, além de que essa experiência ajudou a acalmar-me e saber que Deus é Deus nas muitas tempestades da vida. Aprendi que meu trabalho é ensinar e ser um bom exemplo; o deles é aprender e continuar a caminhada que a vida lhes preparou; e o de Deus é o de segurar a todos nós na palma de Suas mãos.

Nunca mais usei a caneca: "Deus criou as mães, pois não pode estar..." Eu a troquei por uma em que se pode ler: "Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos, e alegremo-nos nele" (Sl 118.24, MELHORES TEXTOS). Agora, todas as manhãs, quando tomo café, há algo que me faz lembrar que tenho de tirar o foco de mim para direcioná-lo a quem ele pertence — Deus, o Pai! Alegro-me de que Ele é Deus e de que está em todos os lugares.